

Negociações e intrigas: uma etnografia com empresários de futebol¹

Negotiations and Intrigues: An Ethnography with Football Intermediaries

Negociaciones e intrigas: una etnografía con intermediarios de fútbol

[Artigo de investigação]

Walter Reyes Boehl²

Recebido: 27 de julho de 2023

Aceite: 10 de novembro de 2023

Citar como:

Reyes Boehl, W. (2024). Negociaciones e intrigas: Una etnografía con intermediarios de fútbol. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 14(1), 28–38.

<https://doi.org/10.15332/2422474X.9706>



Resumo

O artigo aborda a transformação do futebol em um negócio capitalista que prioriza os interesses dos empresários e clubes em detrimento do amor pelo esporte. A pesquisa etnográfica realizada no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina entre 2018 e 2020 apresenta narrativas de empresários de futebol e suas práticas. O texto aborda o papel dos empresários no esporte, destacando suas normas e as consequências de seu descumprimento. O código moral não escrito dos empresários de futebol é discutido, bem como a dificuldade de proteger os jogadores de interesses

¹ Artigo de investigação. A pesquisa contou com financiamento da CAPES. Pesquisa integrante, mas não publicada na dissertação de mestrado do autor. Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Brasil. De agosto de 2018 as setembro de 2020.

² Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integrante do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF). Membro do Colégio Brasileiro de Ciências dos Esportes (CBCE), linha de pesquisa Representações Sociais do Movimento Humano, Porto Alegre, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9655-4080>, e-mail: walterboehl11@gmail.com

concorrentes. A falta de ética no mundo dos empresários de futebol no Brasil é relatada, mas alguns empresários se destacam por tentar mudar essa realidade e serem éticos em suas práticas.

Palavras-chave: futebol, empresários de futebol, etnografia.

Resumen

El artículo aborda la transformación del fútbol en un negocio capitalista que prioriza los intereses de los empresarios y clubes en detrimento del amor por el deporte. La investigación etnográfica realizada en Rio Grande do Sul y Santa Catarina entre 2018 y 2020 presenta narrativas de empresarios de fútbol y sus prácticas. El texto explora el papel de los empresarios en el deporte, destacando sus normas y las consecuencias de su incumplimiento. Se discute el código moral no escrito de los empresarios de fútbol, así como la dificultad de proteger a los jugadores de intereses en conflicto. Se relata la falta de ética en el mundo de los empresarios de fútbol en Brasil, pero algunos empresarios se destacan por intentar cambiar esa realidad y ser éticos en sus prácticas.

Keywords: fútbol, intermediarios de fútbol, etnografía.

Abstract

The article addresses the transformation of football into a capitalist business that prioritizes the interests of agents and clubs over the love for the sport. The ethnographic research conducted in Rio Grande do Sul and Santa Catarina between 2018 and 2020 presents narratives of football agents and their practices. The text explores the role of agents in sports, emphasizing their norms and the consequences of non-compliance. The unwritten moral code of football agents is discussed, as well as the challenge of protecting players from conflicting interests. The lack of ethics in the world of football agents in Brazil is reported, but some agents stand out for attempting to change this reality and uphold ethical practices.

Keywords: football, football intermediaries, ethnography.

Considerações iniciais

O futebol, como maior espetáculo esportivo global, tornou-se um negócio que coloca em segundo plano o amor pelo esporte e prioriza os interesses capitalistas dos empresários e clubes (Vieira, 2016). Embora a maioria dos participantes, como os torcedores, amem o esporte, a principal preocupação é a satisfação do consumidor e o lucro. Esse cenário é alimentado pela mídia, que propaga o mito da ascensão social por meio de fatos individuais e isolados (Couto, 2014). Os empresários de futebol, aproveitando-se da enorme quantidade de jovens que sonham em se tornar jogadores bem-sucedidos, expõem esses jovens a diversas situações em nome de assinaturas de contratos milionários, desde viver longe de suas famílias até morar em cubículos com outros aspirantes (Vieira, 2016).

Por meio dos empresários de futebol, os jogadores são transformados em objetos de desejo das mais variadas ordens, sendo comprados, vendidos e emprestados como mercadorias (Vieira, 2016). Essas relações de trabalho são transformadas em negócios com o objetivo de obtenção de lucro para terceiros em conluio com os clubes. A FIFA, preocupada com os valores exorbitantes de comissões, criou o Regulamento de Intermediários (RIFIFA) em 2014, que tinha como objetivo orientar as

afiliadas na confecção de suas normas nacionais, eliminar os agentes não licenciados da seara dos negócios futebolísticos e vedar a participação de terceiros nos direitos econômicos dos jogadores (Boehl, 2018). Essas medidas também visavam evitar fraudes e corrupções de empresários, sobretudo nas transferências de atletas.

Seguindo as orientações do RIFIFA, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) publicou o Regulamento Nacional de Intermediários (RNI) em 2015, institucionalizando que a expressão “intermediário” seria utilizada para identificar a ocupação. Entre as alterações, foi estabelecida a taxa máxima de 3% nas cobranças de honorários, tanto na cobrança sobre o percentual do salário quanto em relação às comissões nas transferências. Foi proibida a representação de jogadores menores de 16 anos, e toda cópia do contrato entre empresário e atleta deveria ser submetida à CBF (Boehl, 2018). Entretanto, na prática, nada mudou, pois os empresários continuaram aplicando as mesmas taxas de 10% tanto nos salários dos atletas quanto nas comissões pelas transferências.

Os empresários de futebol são atraídos pelas cifras milionárias do mercado da bola e, a cada ano, mais empresários são cadastrados na plataforma de “intermediários” da CBF. Em 2021, os empresários faturaram 500 milhões de dólares antes da pandemia do coronavírus. Em 2019, o faturamento chegou a 655 milhões de dólares. O número de empresários regulamentados aumentou significativamente nos últimos anos. Em julho de 2015, havia 124 empresários com registro oficial. Em janeiro de 2018, esse número saltou para 457. No ano seguinte, em janeiro de 2019, o número de empresários cadastrados passou para 656 e, em maio do mesmo ano, já eram 733 profissionais registrados. De acordo com a plataforma da CBF, em 2022 esse número subiu ainda mais, com 1643 empresários regulamentados.

Este artigo se propõe a relatar situações etnográficas ocorridas durante uma investigação realizada com empresários de futebol no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina entre agosto de 2018 e agosto de 2020. A partir de situações vivenciadas e histórias contadas pelos próprios nativos, apresentamos os embates entre esses agentes. Embora este texto tenha sido produzido durante a investigação de mestrado, ele não faz parte do corpo textual da dissertação.

Aproximações teórico-metodológicas

Esta pesquisa é qualitativa e possui características etnográficas multilocais (Marcus, 2001) e de longa duração (Eckert & Rocha, 2013). Ela foi conduzida ao longo de dois anos com quatro empresários de futebol — Cláudio, Douglas, Edmilson e Reynaldo — entre agosto de 2018 e agosto de 2020, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Embora suas empresas estivessem originalmente sediadas em Porto Alegre, durante a pesquisa, apenas um dos empresários permaneceu no Rio Grande do Sul. Os outros mudaram-se para Florianópolis. Para manter a frequência de encontros etnográficos na região, foram envolvidos outras pessoas e artefatos, formando uma rede complexa de agentes mutuamente interferentes (Ingold, 2012). A fim de preservar o anonimato dos interlocutores, informações que pudessem identificá-los foram suprimidas e seus nomes foram modificados.

Neste texto, foi dada ênfase à voz nativa, sem muitas intervenções interpretativas, mantendo um equilíbrio epistemológico em que o conhecimento canônico acadêmico não suplantasse o conhecimento nativo (Wagner, 2012). É necessário dar legitimidade ao que o outro diz de maneiras diferentes das nossas. Essa legitimidade é o principal exercício do trabalho etnográfico, da universalidade da mediação, que não reduz significados a crenças, dogmas e certezas (Wagner, 2012), como muitas vezes nossas interpretações fazem. Nesse sentido, a compreensão foi mediada pelo conjunto de técnicas etnográficas, como a observação participante, o olhar e o ouvir (Cardoso de Oliveira, 1996), em relação aos nativos e suas perspectivas sobre si mesmos, que são o objeto de pesquisa.

A seção de resultados e discussão apresenta alguns casos que foram desenhados a partir da perspectiva dos interlocutores de suas experiências vividas, pelo viés da etnografia da duração (Eckert & Rocha, 2013) que, de alguma forma, podem ser compreendidas como desconfortáveis para quem está de fora, mas que também podem ser entendidas como inerentes ao cotidiano do trabalho dos empresários do futebol. A dialética da pesquisa perpassa o que é aceitável/inaceitável em termos de ações e interesses dos empresários em seu trabalho. Para a discussão, sem nos eximirmos do compromisso de nossas intenções como pesquisadores parciais e diligentes, são narrados acontecimentos que dão o tom do que pode ser um “empresário em ação”, ancorados na existência e na observação, nas contradições, nos contextos de dominação e de opressão. Através da etnografia de caráter notadamente democrático, são trazidas à tona outras vozes e outros discursos, relatos e relações dos sujeitos e coisas, permitindo a observação e reflexão sobre o mundo.

Perspectivas sobre os empresários de futebol

De acordo com Arlei Damo (2005), os empresários são vistos como nocivos ao esporte pelos formadores de base e pela imprensa, sendo considerados “gigolôs”, “aves de rapina”, “sanguessugas” e até mesmo comparados a um câncer. Isso se deve ao fato de que seu pensamento está focado única e exclusivamente em um retorno financeiro, explorando o esforço alheio e pouco se importando com o futuro dos jovens (Boehl, 2018). Apesar de serem acusados de abichar proveitos de maneira ilícita, de lesarem a ordem econômica do esporte, esses empresários acabam sendo vistos como imprescindíveis para quem almeja oportunidades e para permanecer em categorias formativas (Couto, 2014).

Os aspirantes a boleiros, como estatuto obrigatório para a formação, se veem obrigados a aceitar os termos e as imposições dos empresários, já que estes colonizam todas as praças esportivas. Apenas os jogadores que contam com um maior capital corporal (Bourdieu, 2002), entendido como um recurso para a obtenção de benefícios sociais, no qual a introdução precoce de uma habilidade específica na prática esportiva seria mais vantajosa do que se ocorresse posteriormente, conseguem influenciar as normas que regem os acordos. Dificilmente uma transferência ou uma profissionalização acontece sem a mediação desses agentes, que são delegados pelos dirigentes de clubes na maioria das vezes. Assim, os atletas para servirem a determinada instituição precisam passar pelo crivo de acordo com os interesses dos agentes. Apesar de as más condutas dos empresários serem denunciadas, como a de seduzir, manipular e descartar os jovens quando não

lhes têm mais serventia, a figura do empresário se torna imprescindível para o ingresso nas categorias de base dos clubes (Damo, 2005).

Considerando a reorganização das ideias e a exclusão das informações duplicadas, sugiro a seguinte formatação:

Na corrida capitalista do futebol, os empresários estão constantemente à procura de jogadores que possam gerar mais lucro (Spaggiari, 2014). Para isso, frequentam as arquibancadas para cooptar os atletas mais talentosos. Aqueles com conexões com jogadores de elite têm vantagem na atração e captação de novos talentos, dificultando a posição dos empresários com recursos mais limitados, que precisam recorrer a articulações restritas entre clubes (Spaggiari, 2014).

Nesse jogo de cooptação, as diferenças de recursos entre os empresários produzem embates desiguais, onde os "peixes pequenos" muitas vezes acabam derrotados (Damo, 2005). Para os jovens atletas aspirantes, a escolha de um empresário pode ser influenciada apenas pela sua conexão com jogadores de elite, sem levar em conta outros fatores. No entanto, a escolha do empresário certo pode fazer toda a diferença na carreira de um jogador de futebol.

No que diz respeito aos empresários em nível semelhante, as disputas são mais equilibradas e outros fatores além do simbolismo precisam ser considerados. É importante que os jogadores sejam transparentes em suas negociações e que os empresários tratem os atletas com respeito e dignidade. Somente assim é possível garantir que os jogadores sejam protegidos e valorizados em um ambiente tão competitivo e desafiador como o do futebol profissional.

O código moral não escrito dos empresários de futebol

No que diz respeito às disputas entre atletas, os empresários de futebol têm um código moral não escrito que estabelece parâmetros divergentes entre seus pares em relação ao respeito e à honra. Esse conjunto de normas proíbe o aliciamento e o “roubo” de jogadores dos concorrentes, sob pena de sanções que vão desde adjetivações pejorativas até o isolamento social, caracterizado pelo afastamento dos empresários considerados honrados. Aqueles que seguem esses códigos são reconhecidos como empresários sérios ou honestos, o que valoriza sua reputação como homens de negócios. Já aqueles que ignoram essas diretrizes são rotulados como ladrões, picaretas, mercenários ou safados, além dos “traíras”, que, segundo Damo (2005), são aqueles que podem não ser confiáveis, adeptos de trair sem qualquer constrangimento.

Cláudio é um agente que se preocupa muito com as más ações de alguns empresários. O empresário de Porto Alegre reclama do comportamento de novos agentes cujas atitudes acabam repercutindo negativamente em toda a categoria. Durante uma conversa em seu escritório, Cláudio contou como quase agrediu um funcionário de uma empresa de um ex-jogador de futebol gaúcho que tem sede na zona sul de Porto Alegre. Segundo ele, esse funcionário, que trabalha para o Ragazzi, estava assediando jogadores de outras agências e tentou roubar dois atletas de sua empresa. Cláudio afirmou que o patrão do “gordinho” não costuma respeitar ninguém e é considerado, segundo o “código moral não escrito”, como um “ladrão”, “traíra” e “safado”.

A falta de cumprimento das regras tácitas por alguns membros do circuito empresarial futebolístico gerou uma reunião em São Paulo no final de agosto de 2019. Alguns empresários importantes, com o objetivo de eliminar a figura do assediador no meio, planejavam criar um código de regras explícito para sugerir à CBF. Alessandro Renier, sócio-proprietário do escritório ARB, e Jânio Ferrari, sócio de Cláudio, participaram da reunião em nome da cidade de Porto Alegre. De acordo com Renier, eles não chegaram a um acordo sobre a sugestão do regulamento à CBF, mas fizeram um acordo informal em que todos os presentes se comprometeram a não assediar jogadores antes de se informar sobre a existência de representação. Segundo Cláudio, seu sócio Ferrari teria dito que, caso surgissem negócios para jogadores de outros empresários, deveriam ser pactuadas parcerias com divisão de valores pré-estabelecidos.

A queixa de Cláudio em relação aos “outsiders” não era a mesma de Edmilson, que perdeu um cliente para um empresário influente que “pagou 800 mil reais pela procuração do Isac”. “O Isac me procurou e contou sobre a situação. Disse que ele fizesse o que era o melhor para ele”. Edmilson não tinha nenhum contrato assinado com o treinador que estava fazendo sucesso na série A do campeonato brasileiro, o que facilitou a ação do empresário gaúcho com quem Edmilson havia iniciado a carreira de empresário.

Por outro lado, Cláudio e seu sócio tinham muitos jogadores na base do clube Internacional, alguns dos quais eles haviam “cuidado” desde que eram jovens, como Gabi, Martelo, Corvo e Marimbondo, todos titulares do time mais badalado do clube por suas conquistas na categoria 2001. As performances desses jogadores sempre geravam interesse, e Cláudio raramente perdia um jogo no Celeiro de Ases, o que, de acordo com meu interlocutor, não apenas os prestigiava, mas também mostrava aos aliciadores a sua vigilância. No entanto, não foi possível se defender efetivamente das ações dos concorrentes. “O Ferrari colocou um processo no Rodney. O Gabi tá com o Joelho bichado. Ainda bem que levaram. Mas eles tentaram levar o Corvo e o Marimbondo. Daí não teve jeito. O Ferrari ligou para ele dando uma intimada. Tem muito cara querendo dar de avião”, disse Cláudio.

A versão sobre a cooptação de Gabi foi narrada a mim por Douglas, sócio do Rodney, empresário de São Paulo, enquanto viajávamos para assistir à Copa Santiago no interior gaúcho. Douglas contou detalhes de como conseguiu convencer Gabi, usando a influência da amizade com um menino da mesma categoria. “Pedi para o Josuel levá-lo até a sorveteria. Eu já tinha conversado com os pais do guri antes. Então, quando ele me viu, já começou a rir. Ofereci ajuda de custo e mais os cuidados. Daí, acabou aceitando”.

Sobre o assédio ao Marimbondo, Douglas também relatou que tentou levá-lo para sua empresa porque já era empresário do irmão mais novo, Graveto, e que os empresários do jogador (Cláudio e Ferrari) não valorizavam adequadamente o atleta. “O Marimbondo estava sempre reclamando para o Graveto que não ajudavam em nada. Não pagavam nada. Ele morava no apartamento que a gente pagava o aluguel para o Graveto. Então, achei mais justo passar de uma vez para nós”.

A empresa de Douglas teve tanto sucesso em captar jogadores de seus concorrentes quanto reveses. O agente conheceu Alex enquanto ele ainda era zagueiro da categoria sub-13 do Internacional. Quando Alex foi dispensado na categoria sub-14 devido à baixa estatura, Douglas levou o menino

para jogar no Juventude. Alex se destacou na equipe caxiense e foi parar no Figueirense. Contrariando a previsão do Internacional, o zagueiro cresceu e foi convocado para a seleção brasileira de base, despertando o interesse de Athletico Paranaense e Palmeiras. “Íríamos fechar com o Athletico, que, na nossa visão, estava começando um trabalho mais alinhado com o que pensávamos para ele”, contou Douglas. No entanto, Alex acabou sendo transferido para o time curitibano, mas não através da empresa de Douglas. Os pais de Alex, que estavam endividados, aceitaram a proposta do empresário Ragazzi em troca da representação do menino. Esse acordo ocorreu sem o conhecimento de Douglas e seus sócios. Outro motivo para a quebra unilateral do contrato, segundo Douglas, foi a chantagem do presidente do Figueirense, que “chamou o menino e falou que era para ele assinar se ele quisesse jogar futebol. Se não quisesse sair, ia ficar encostado lá, correndo em volta do campo, sem jogar”. A venda da metade dos direitos federativos gerou 250 mil reais para o clube e o empresário Ragazzi recebeu um percentual desse valor como comissão pela transferência. Com a transferência, o zagueiro assinou um contrato profissional com um salário de 5 mil reais. Após a concretização do negócio, a empresa de Douglas procurou a família para entender a situação. Ao saber dos valores envolvidos, eles pagaram a dívida dos familiares com os empresários e recuperaram a procuração. Além disso, passaram a auxiliar mensalmente a família com um valor de 3,5 mil reais. Em relação ao aliciamento, Douglas disse que a mãe de Alex não queria aceitar: “[...] ela disse para nos procurar, pois sempre tínhamos sido legais com eles. Mas o pai estava muito endividado. O homem ficou com vergonha. Daí, vieram oferecendo a grana. Aceitou. Fazer o quê? Eu os entendo”. Nesse sentido, a circunstância, conforme Nogueira (2014), destaca-se pela falta de moralidade e respeito por parte dos empresários, que aliciam jogadores com contrato assinado.

Douglas era um desses agentes que sabia, conforme definido por Damo (2005), manipular os códigos dos jogadores de futebol. Embora nunca tenha conseguido se profissionalizar, ele participou das categorias de base do Grêmio e tinha como cunhado um ex-jogador do Vasco da Gama, o que lhe proporcionou certa habilidade e facilidade em lidar com os jogadores. O sucesso em “falar a língua do boleiro” permitiu que ele fizesse os arranjos necessários, mas, ao contrário do que pensava, não o tornava imune a pilantragens.

Segundo Vieira (2016), o futebol, por ser um esporte que movimenta muito dinheiro, acaba atraindo empresários desonestos. Um dos interlocutores da pesquisa foi Jayme Siqueira, um dos empresários mais antigos do Rio Grande do Sul, mas que não era muito respeitado pelos pares nos negócios. A maioria dos moradores locais o considerava um traidor ou safado. Embora as histórias sobre seus assédios e aliciamentos ajudassem a entender por que ele era visto como “falcatrú”, Siqueira também sofria com as más condutas de seus concorrentes.

Siqueira tinha seguranças e evitava frequentar estádios de futebol. Seu escritório era bastante movimentado e as histórias contadas sobre ele eram de que mal dormia à noite, pois fazia muitos negócios com chineses. Além disso, tinha o hábito de resolver imbróglios sem muita diplomacia e, segundo relatos, sempre andava armado e ameaçava seus desafetos.

O empresário Siqueira tinha o costume de utilizar as redes sociais para compartilhar fotos com seus agenciados e dos lugares que visitava. Além disso, ocasionalmente usava essas plataformas para denunciar ações contra seu patrimônio, como no caso em que um jogador da categoria 2001 do

Internacional sofreu uma violação. Na legenda, Siqueira direcionou uma risada aos seus concorrentes, possivelmente como uma forma de repreensão por não seguirem as normas de boa conduta. Ademais, a foto em que o empresário aparece abraçado ao atleta pode ter sido usada como uma forma de demonstrar força e união.

Edmilson, um dos interlocutores mencionados no texto, era um empresário que sabia manipular os códigos dos boleiros. Ele começou cedo nas categorias de base do Internacional e, como profissional, jogou por diversas equipes menores do Brasil, tendo se aventurado sem sucesso em terras lusitanas. Na base, era conhecido como um líder devido ao seu jeito descontraído e fala imponente, o que provavelmente influenciou seu estilo de negociação. Edmilson era enfático e objetivo, sem usar sofismas ou tergiversar. Ele não poupava ninguém que fosse contra suas moralidades.

Em um churrasco em Porto Alegre, Edmilson questionou Michel, um ex-jogador e treinador que estava iniciando a carreira de empresário, sobre sua forma de trabalho em relação a Cláudio, um empresário que estava sendo acusado de assediar jogadores de outros empresários. Edmilson protestou, afirmando que Cláudio não gostaria que alguém pegasse seus jogadores, e questionou sua força simbólica, perguntando quem “ele era na fila do pão” e quais jogadores ele tinha. Edmilson também empregou o termo “cozido”, que é usado para descrever uma posição inferior na hierarquia de poder dos empresários, para se referir a Cláudio. Ele criticou Cláudio por adotar comportamentos que antes havia considerado inadequados, reproduzindo assim ações que havia criticado quando era apenas um aspirante a empresário.

O mundo dos empresários de jogadores profissionais pode ser implacável, especialmente quando se trata de jogadores menores de idade. Edmilson tinha uma estratégia para lidar com a perda de jogadores de base para seus concorrentes: simplesmente não trabalhar com eles. Ele acreditava que era fácil investir tempo e recursos em um jovem jogador, apenas para perdê-lo para um empresário inescrupuloso que oferecesse mais dinheiro ou melhores condições. Alcione, outro empresário, também acreditava que não valia a pena trabalhar com jogadores menores de 13 anos, porque isso só resultaria em problemas.

Douglas, por outro lado, tinha uma visão diferente. Embora sua empresa trabalhasse com muitos jogadores menores de idade, ele não parecia se importar muito com a perda desses jogadores para a concorrência. Na verdade, ele acreditava que muitos atletas o procuravam porque outros empresários não ofereciam uma boa assistência. Ele se orgulhava de valorizar seus atletas e remunerá-los bem, afirmando que ninguém remunerava melhor no Brasil.

Reynaldo também trabalhava com muitos jogadores menores de idade e estava sempre em busca de novos talentos. No entanto, ele havia enfrentado problemas com alguns atletas que mudaram de empresário e se recusaram a devolver bens que haviam sido emprestados a eles, como um automóvel e um imóvel cujo aluguel era pago pela empresa de Reynaldo. Em ambos os casos, foi necessário registrar boletim de ocorrência e ir à delegacia para solucionar os problemas.

Antes de uma partida de futebol 7 para a qual fui convidado com alguns empresários, conversei com um ex-colega de ensino secundário que havia sido jogador profissional e agora iniciava a carreira de empresário. Com ele estava outro empresário que também havia sido jogador. Michel

estava contando como foi fácil para ele passar pela categoria de base do Grêmio e se tornar profissional por ser porto-alegrense e precisar apenas de uma condução para o Estádio Olímpico. Ele contou essa história não apenas para contrastar com os desafios enfrentados pelos jovens de hoje para se tornarem profissionais, mas também para demonstrar os esforços necessários para superar as dificuldades de lidar com comportamentos e interesses de jovens que estão longe de casa e à mercê de seus concorrentes. “O garoto está em BH [Belo Horizonte/MG] e tem dor de barriga e já quer voltar para casa. Não é tão simples como pagar por uma passagem de avião e ver a mãe porque sente saudades”. Ele continuou: “Eu disse para ele aguentar, que já estava quase no final do ano e que logo ele iria ver sua mãe. Como eu não paguei, ele procurou outro empresário que bancou as despesas”. De certa forma, a narrativa de Michel demonstrava uma das maneiras mais comuns de se perder atletas, em que o jogador “ao não ter o seu desejo/interesse atendido junto ao seu representante, decide encerrar a relação e procurar, se ainda não tiver sido procurado, outro intermediário” (Boehl & Myskiw, 2021). O outro empresário concordou com a fala do amigo: “[...] sei bem como é. Já aconteceu comigo. Só não sei se o garoto inventou a história para poder trocar de empresário. Foi bem estranho. Para mim, foi bem instruído pelo picareta do [nome suprimido] que acertou com ele”. Como Arlei Damo (2005) postula, “existem os ‘picaretas’, como em qualquer ramo de negócios, e existem os ‘honestos’, com uma extensa possibilidade de classificações intermediárias”. Para meus interlocutores, os fatos narrados teriam sido evitados se a postura de seus concorrentes fosse, como eles próprios dizem, de empresários honestos e não de picaretas.

Durante minha segunda visita ao escritório do empresário Cláudio, na zona sul de Porto Alegre, notei que algo o incomodava. Embora não tenha questionado sobre isso, logo ele começou a lamentar sobre a falta de ética no futebol. De acordo com ele, os empresários agem como urubus, assediando jogadores de outros agentes e enganando seus clientes com falsas promessas e mentiras. Cláudio sempre se destacou por tentar mudar essa realidade, fazendo a diferença na profissão.

Conforme a conversa progredia, mais questões sobre a ética no meio futebolístico surgiam. Cláudio recebeu uma ligação de seu sócio sobre um cliente que jogava na Espanha, que teria mudado de agente sem avisar. Isso teria sido motivado por uma proposta melhor de um empresário que cobrava menos comissão e tinha melhores contatos com clubes europeus. Cláudio não tinha sido informado sobre a troca, o que evidencia a falta de transparência e de comprometimento com os acordos firmados.

Outro caso que exemplifica essa falta de ética foi a quebra unilateral de contrato por um jogador brasileiro que jogava em um clube espanhol. De acordo com Cláudio, o empresário anterior teria enganado o jogador, passando a perna em seu pai. Os empresários agem de maneira banal, utilizando estratégias como realizar transferências por valores diferentes ou receber dinheiro por fora dos clubes em troca de vantagens. O ex-jogador do Grêmio, que jogava em um clube espanhol, quebrou o contrato unilateralmente com o empresário gaúcho pagando cerca de um milhão de reais. De acordo com Cláudio, a notícia que circulava entre os empresários era que o gaúcho teria enganado o futebolista. “O papo é que ele passou a perna no pai do Zezinho em mais de dez milhões de reais. Daí eles ficaram loucos. Pagaram a multa de quebra de contrato. Parece que é o Jacó que vai agenciar daqui para frente”. Esse tipo de ação, segundo o meu interlocutor, seria banalmente utilizado pelo empresário, em que costumava realizar as transferências por um valor e

comunicar aos atletas ser de outro ou, ainda, receber por fora dos dirigentes de clubes desde que esses recebessem alguma vantagem pecuniária.

Considerações finais

Podemos concluir que o mundo dos empresários de futebol é um ambiente altamente competitivo, muitas vezes implacável, e que coloca os jogadores em uma situação vulnerável. Embora esses profissionais possam ser vistos como necessários para garantir o sucesso de um jogador de futebol, é importante que a ética e o respeito pelos jogadores sejam valorizados acima do lucro a qualquer custo.

O código moral não escrito dos empresários de futebol, que se baseia em normas e valores compartilhados entre eles, pode ser uma forma de regulamentar suas práticas, mas também pode reforçar relações de poder desiguais e perpetuar práticas pouco éticas. A criação de regras explícitas para a atuação desses profissionais pode ser uma alternativa para garantir mais transparência e proteção aos jogadores.

É importante destacar que os jovens jogadores de futebol são frequentemente iludidos por promessas de sucesso e fama, e podem acabar se tornando vítimas de empresários inescrupulosos. Por isso, é essencial que haja orientação e apoio a esses jovens, para que eles possam tomar decisões informadas e conscientes sobre suas carreiras.

Por fim, é fundamental que haja uma reflexão crítica sobre a transformação do futebol em um negócio lucrativo, que muitas vezes coloca os interesses capitalistas acima do amor pelo esporte. A valorização da ética, da transparência e do respeito pelos jogadores deve ser uma preocupação constante, para que o futebol possa ser visto não apenas como um negócio, mas como uma forma de expressão cultural e esportiva que promove valores positivos na sociedade.

Referencias

- Boehl, W. R., & Myskiw, M. (2021). Uma breve análise das relações entre intermediários e jogadores de futebol menores de 16 anos. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 19(2), 27-33. <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n2.27215>
- Boehl, W. R. (2018). *Intermediários de futebol: as relações com os jogadores de base (menores de 16 anos)* (trabalho de conclusão de curso). Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.
- Cardoso de Oliveira, R. (1996). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, Vol. 39, No. 1, pp. 13-37. <https://www.jstor.org/stable/41616179>
- Couto, H. R. F. (2014). *Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol*. Líber Livro.
- Damo, A. S. (2005). *Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França* (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Eckert, C., & Rocha, A. L. C. (2013). *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Marcavíslua.

- Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 18(37), 25-44. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>
- Marcus, G. E. (2001). Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de La etnografía multilocal. *Alteridades*, 11, 11-127. <https://alteridades.izt.uam.mx/index.php/Alte/article/view/388/387>
- Nogueira, P. A. A. (2014). *Análise ao valor acrescentado de um agente na carreira de um jogador e esclarecimento da actividade de agente de jogadores: o caso português* (tese de doutorado). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa.
- Spaggiari, E. (2014). *Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana* (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.
- Vieira, L. M. (2016). *Futebol: do sonho do jogo ao jogo do mercado* (trabalho de conclusão de curso). Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Wagner, R. (2012). *A invenção da cultura*. CosacNaify.